

# Dos corpos e dos milagres

João Garcia Miguel

Este texto foi escrito segundo a obra *POEMACTO*, de Herberto Helder, onde o poeta extrai, como um exercício geométrico de escrita, as linhas do poema do romance *Húmus*, de Raul Brandão. De igual modo, extraí, num exercício matemático, linhas do texto *APRESENTAÇÃO DE UM ROSTO*, de Herberto Helder, e dispu-las numa ordem outra, acompanhando-as de desenhos. Acrescentei depois uma escrita entrelinhas que estabelece diálogos com o poema e o poeta e as suas personagens. Chamo a esta escritura instrumental um ou uma *POEMAÇÃO*.



O texto caiu às sortes, gotas de tinta chuva formando carreiros de letras impressas numa ordem geométrica imperceptível ou quase. Lidas as frases acrescentaram-se as vozes. Fizeram-se organismos das letras. E das letras fizeram-se órgãos. Outras vezes lidas e outras vezes dissolvidas novamente organizadas. É um trabalho que não parece ser. E através dessas operações fizeram-se de novo surgi-las noutros lugares às letras e às palavras. Tem como base todo este trabalho uns exercícios de matemática que falha. Frases furtadas e separadas de um texto às quais se adjudicaram outras frases que emergiram numa geometria que se compõe como uma acção sistemática e imperfeita. É um poema e acção. Esperou-se — nesse exercício de esperança de fazer exercícios que algo surgisse de novo. Esperou-se uma gravidez feita de acasos. De sortes. Esperança que ao abrir um documento novo, ao estender um lençol num bosque, ou ao buscar uma folha de papel algo aconteça. Um milagre. Somos um clube de trabalhadores e trabalhamos o milagre. Incansáveis trabalhadores da espera. Tanto faz que aconteça ou não. Fazemos exercícios. Contamos que ao acontecer — se vier nalgum instante a dar-se, porque os milagres dão-se assim sem mais — que não se repita. Um milagre nunca se repete e é por isso que se dá. Oferece-se. Isso é o mesmo que dizer que ao ler é por entre linhas que pressentimos o milagre que se escapa. Fugidio como bandeira de luz. Os olhos — saltando como bolas — fortuitamente por entre letras e chão, ao acaso e num exercício de ginástica interna despoletam movimentos interiores. Pequenos milagres por entre as fibras da alma. Através dos olhos ligam-se os ouvidos com as mãos, a barriga com os pés, os dedos com as borboletas. Exercícios da carne. Deslocações impercetíveis. Fugitivas. Um corpo monta-se num círculo. Em andaimes. A prática, a exercitação, o desempenho, o uso frequente de actos de leitura conduz à circularidade. À subida e à descida, à entrada e à saída. O círculo é o contrário do milagre: é o mundo. O mundo está contido no exercício dos corpos dos quais somos involuntários prisioneiros. O mundo sem milagres é insuficiente para atingir a liberdade dentro e fora dos corpos. É por isso que o milagre nos incendeia. E consome as esperas e os corpos.



milagre que não é precisamente uma arbitrariedade  
nasce fundo numa luz  
dorme numa cabeça  
molhada deitada  
numa almofada

se calhar não chegam a compreender  
as palavras  
o degelo do corpo  
as cabeças

objectos para a criação de espaço, espelhos para a criação  
de imagens, pessoas para a criação de silêncio  
esses criminosos sem crimes

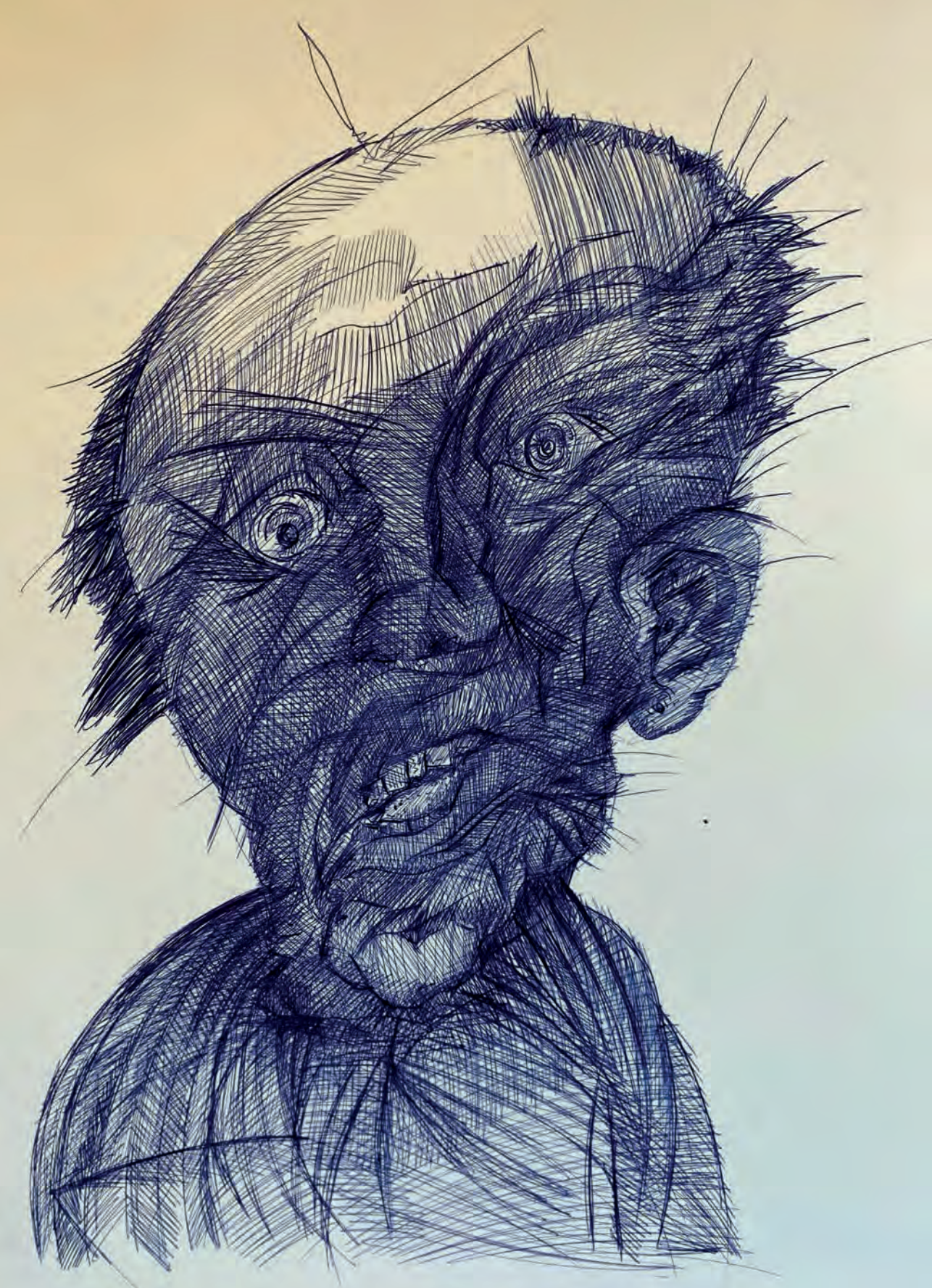
o amor e a palavra são belos crimes — e imperdoáveis  
porque a mão que transpira  
empola o livro  
queremos coisas simples que  
as pessoas estão confusas  
e andam silenciosas

gostaria de escrever o livro de que tenho medo, mas os  
meus dias, afinal longos, são ameaçados pela esterilidade  
sinto primeiro e vejo depois  
duas linhas invisíveis que  
sobem ao lado de lado  
dos corpos  
entram pelos ossos maxilares  
e seguram os olhos

é fascinante, debaixo de uma luz que brilha tanto  
a fogueira cá dentro a arder  
e os olhos a diminuir







chega o verão, e subo à montanha, e vou para o mar  
apanho pedras que  
trago nos bolsos e que  
ameaçam esmagar-me os testículos  
embrulho num papel o meu medo  
os papéis

são um motor, trabalhando ininterruptamente; os papéis  
trabalham pelos dias dentro e no meio da noite  
e o motor não me deixa fechar os

olhos  
não me deixa dormir e

divago pela casa, bêbado de hesitação, dissipo-me em passos,  
mergulho em sonos brutais

há um olho que se abre  
um estômago que se fecha e murmura  
como um pegador de fogos

porque fizeste isso?

porque regaste as rosas  
e os pés com gasolina  
não sei digo e

quem sou eu para que me ataquem as vozes?

porque não te calaste  
porque fizeste do silêncio a tua  
velocidade

oiço a minha voz a dizer-me que

ando à procura da minha velocidade

a fazer exercícios de combustão  
a ligar e desligar os motores das palavras

se me aplicar bastante, segundo uma regra minha  
interior que hei-de descobrir, ficarei com os pés queimados  
descobri a Índia,  
fui eu que descobri  
a Índia afinal com as

mãos quentes e seguras que fazem desenhos sobre a mesa,  
no ar, na conversa  
sinto a pequenez a crescer  
como uma bola  
sinto em mim um casulo de onde  
nasce uma borboleta e no corpo

das pessoas, a alegria fervia dentro dos corpos — via-se isso  
uma borboleta pequena e branca  
a mudar de cor  
uma borboleta lá bem  
no sangue a ferver

sou um homem de pouca qualidade  
espero  
multiplico-me por zero  
aconteço-me noutra dimensão  
ocorro-me num paralelo amarelo

não tenciono ser demasiado claro a respeito de coisa alguma  
roubo frases  
aprendo a ler  
a barriga dos bichos  
de onde saem os  
animais e

amo-as em pânico

as barrigas das raparigas  
penso, oiço?

Talvez diga







escrever não é uma simples volúpia, ou uma responsabilidade  
moral. Deve ser um acto de cruel religiosidade, uma espécie  
de inteligentíssima expiação do crime obscuro de não ter morrido  
esse meu crime  
esse meu ódio à palavra é  
um amor à palavra que se disse e  
à palavra paralela que ficou a boiar na boca  
mas

sou um sôfrego: tenho o talento do amor  
que impele o corpo a  
tornar-se sopro e som  
e por fim palavra  
a morrer antes de nascer  
esse talento que é meu e eu

cresço, durmo só  
tenho uma almofada molhada  
onde deito a cabeça  
e faço mapas de baba e  
abro a mão e

tiro do bolso o meu pequeno canivete e, no braço nu, traço  
um golpe fundo  
como uma língua  
uma estrada  
não sei se me lembro  
para onde fui e depois

é o meu espectáculo e o monstro aparece em cena  
abre um chapéu de chuva e  
vira-o do avesso — abana o  
corpo e deixa cair dos bolsos  
os testículos e

descubro também que sou pobre  
esmago a pobreza  
e as ameixas que roubei  
dentro dos bolsos e o vermelho  
suja-me as mãos e  
tenciono

aprender devagar e penosamente o ritmo da feminilidade, aquele  
lugar onde elas têm vestidos claros e riem, ou onde de súbito  
ficam silenciosas e são lentas

fecho de seguida o corpo  
e não aguento



elas nunca terão a minha violência

deito tudo o que é meu  
num lençol estendido e  
mais outra vez sinto que

cresci durante a minha doença  
passei dias e noites a tremer

com medo dos

devoradores de testículos

habitantes do lado oculto  
de onde o milagre se levanta  
e refugiei-me no

trabalho das mulheres

o trabalho de sentir o calor dos peitos  
esses fios feitos de palavras missangas  
e perigos de vida

a idade é: cada vez mais atenção. Só te resta isso, caminhador:  
o perigo

e ainda restam mais palavras  
que desconhecem os teus pés  
fazem-te tropeçar no coração  
sublinho a desonestidade e o carácter  
das que incendeiam a  
testemunha que ressuscita  
entre a frase e a ânsia



arranjamos um quarto, despimo-nos, e depois estamos noutra  
quarto, e estamos a despir-nos, e de novo a fazer amor, quatro,  
seis, oito em cima do tapete — o terrível milagre de uma  
alucinação de pernas, braços, seios, mãos, sexos, coxas, cabeças,  
vestidos, camisas

e os  
olhos deixando  
buracos no silêncio que

os blocos do diálogo. O diálogo avançava e recuava  
empurrando as testemunhas  
ressuscitando o motor que trabalhava

e

o papel

alimentando as pessoas caladas, um pequeno motor silencioso  
às voltas tontas  
às voltas sorrindo  
duas bolas nas margens  
e uns olhos a ver o rio em

câmara-ardente





muito melhor assim  
a memória tão quente  
a ir e a voltar como um animal  
a escavar no ressuscitado  
esse olhar que me olha e eu

compreendia tudo, e despira a roupa para meter-me nu  
na terra mole, e comera terra, e andara à roda até cair para o lado  
li isto num livro  
um livro americano talvez e  
sinto que sou africano e

teatral eu, sim — mas uma cabeça cheia de terrível amor  
escrevo livros e  
mato todos os meus ressuscitados  
leitores e depois em silêncio

parti para um lugar, com o propósito de semear cabeças de  
crianças, e ouvi-las cantar quando o dia acaba  
e escrevo livros para crianças  
escondidas atrás das páginas  
escondidas atrás das portas  
guardei e perdi-as as

cabeças de crianças

caídas dos meus bolsos



à força de conhecer tanta gente, ganhei uma inteligência  
muito aguda — inteligia as pessoas

fiz tantos exercícios  
que não cabem nas palavras e caem  
como coisas  
que se procuram nos bolsos e  
é claro

masturbava-me muito depressa, porque era preciso encher o  
espaço, encontrar alguém, morrer depressa

uma mão puxou-me pela gola  
e a voz

perguntou medo? Só tenho o meu disse, o meu terror  
e trabalho o ressuscitar  
trabalho as fúrias que me dão e

ela voltou-se e pôs-se de joelhos na cama, dobrada e disse  
mete no cu

sou um escultor e peço desculpa  
por todas essas palavras que caem mal  
não tenho instrumentos esculpo com canivetes  
e abro estradas nos bolsos das calças

sou uma espécie de puta eu, e não tenho medo, murmurou  
eu trabalho na terra  
trabalho com as mãos

o que nos vai acontecer?

trabalhar o amor  
ser assim o amor  
vamos perder-nos

acordados. Há muitas coisas por cima das cabeças deles.  
Vejamos: fome? Sim. E cansaço? Sim. E doença e frio e medo? Sim,  
sim. E ela voltou mais tarde. Escuta, disse eu, não tenho medo.  
Trazia café e cigarros. Vamos salvar isto, murmurei

trabalhamos o corpo disse eu  
trabalhamos o milagre disse ela  
trabalhamos e  
estamos perdidos e  
eu digo

salva isto tudo

faz um milagre  
chama as testemunhas e

como arranja algum dinheiro às vezes?

faço uma bola  
abro as palavras e  
ponho crianças dentro







a última vez que me decapitaram

foi a primeira vez  
que cortaram a luz  
essa luz que

vinha pelas nossas costas e, no espelho, parecia que os  
nossos corpos saltavam para diante, como tremendos anjos  
brancos, cheios de uma violenta anunciação

a luz batia-nos nas mãos e saltava  
a luz escondia e ressuscitava os  
corpos que

saltavam na luz. Éramos fortes como o diabo. Merda, disse ela,  
temos de salvar tudo

principalmente a música

somos os anjos

escutamos a música  
percorrendo a carne  
abrindo-a e

se soubessem matavam-nos

aos ressuscitados  
aos que olham  
eternamente como estátuas  
o resto

era uma técnica: os telefonemas. Mete-se uma moeda,  
sai uma pessoa. A voz de uma pessoa

mete-se uma moeda nos olhos  
sai um milagre  
sai um corpo ressuscitado

sejamos sensatos. Não é possível meter uma moeda, ouvir uma  
voz, e dizer: dê-me tempo, nome, inteligência, amor

tudo o que cai sempre que cai  
cai por acaso  
quando caímos é por acaso  
que o chão nos segura e

não te entregues ao acaso

entrega-te à dissolução  
ao roubo  
aos olhos  
à música e ao amor do anjo que

cerca-te como um anel de prata em brasa, e então tu ficas  
fascinado

pela fascinação que fizeste nascer no anjo

são as asas  
que crescem nas minhas costas  
que me fazem doer e põe-me todo a  
tremar e eu

tremia, era um modo agora de conhecer o meu corpo — e ela, sim  
incorria nessa ciência de conhecer o corpo, tremia: e o nosso amor  
estava a ser vermos o corpo tremendo, vendo cada um o seu corpo e  
o corpo do outro

encostávamos as asas  
e tremíamos e fazíamos aqueles  
trejeitos que o corpo faz  
para acomodar as camisolas  
e adormecíamos





sabem? — é bom ver dormir uma pessoa

o sono a deslizar pela pele  
a raiz da luz a arranhar e

ficaram as mãos

a olhar  
as mãos decepadas a olhar a

raiz do sorriso é a mesma raiz das mãos  
os olhos ligados a esse nervo antigo  
que esconde o fogo e a luz  
lá onde nasceu a raiz e o pé  
interiormente



nunca se sabe bem se nos merecemos a nós mesmos  
somos a subida de soluços  
oprimidos e noutros tempos caídos  
para o fundo da carne  
tu

possuis uma alta voltagem — tu sim, poeta inédito  
lanças pedras  
partes vidros  
circulas pela velocidade e roubas o

sinal que diz

não tocar

fazes festas aos medos

desfazes em pó os joelhos e

trabalhas

a engasgar  
a terra e os perigos

amas

o canivete e a língua aberta  
cortada por onde bebes o sangue  
e sabes a perigo sabes a beijos  
e meus irmãos é

demasiado pesada a vossa festa

oiço dizer estou perdido e  
de dentro dos meus gestos  
nasce uma borboleta  
que voa e desaparece como eu  
o desempregado

operário da paixão ■

